

# APRESENTAÇÃO: O LARGO ESPETRO DAS «MOBILIDADES»

AMÉLIA POLÓNIA  
FRANCISCO MANGAS

O conceito de mobilidade nunca esteve tão presente, tanto em discursos informais e mediáticos, como no discurso científico. Os fluxos de migração causados por conflitos político-religiosos, o drama dos refugiados ou os fluxos laborais espoletados pela atração dos grandes centros tecnológicos e económicos mundiais são abordados de forma recorrente nas páginas dos jornais e nas conversas do quotidiano. No presente contexto, marcado pela pandemia causada pela circulação à escala mundial do vírus SARS-CoV-2<sup>1</sup>, de que resulta a COVID-19<sup>2</sup>, aos tópicos anteriores acresce o da circulação de vírus e de doenças.

Em consonância com esta centralidade social do tema, também no plano académico se vem elegendo esta temática como medial em projetos de investigação, mono ou multidisciplinares. Importa continuar este percurso, abrindo perspetivas que sejam, em simultâneo, inovadoras e integradoras.

O debate sobre «Mobilidades» estava, até há algumas décadas, concentrado, do ponto de vista dos estudos académicos, em questões do deslocamento físico de pessoas, mercadorias e serviços a uma escala nacional ou internacional, ou, em escalas mais regionais, centrado nas transferências do mundo rural para o urbano. Em tempos mais recentes, este debate tem beneficiado de um novo foco de análise que toma a mobilidade como «um processo que é firmemente fixado no interior da sociedade e cultura [...] e, portanto, fundamental para a construção e reprodução de estruturas sociais chave»<sup>3</sup>.

A reinvenção do termo «Mobilidades» tem vindo a traduzir-se no alargamento de conceitos que revela como este tem conseguido acompanhar a evolução dos tempos, tornando-se fundamental para a compreensão das transformações nas sociedades humanas. Constrói-se, assim, um «novo paradigma das mobilidades» que privilegia «aproximações integradas»<sup>4</sup>. Estas aproximações incorporam novas escalas, espaciais e temporais, das migrações, e assumem as distâncias, físicas e virtuais, como elementos de análise que vão de uma escala *micro* a uma escala *macro*. Também a acessibilidade e a motorização dos transportes e os seus impactos ambientais, ou as mobilidades do

---

<sup>1</sup> *Severe Acute Respiratory Syndrome*.

<sup>2</sup> *Coronavirus Disease*.

<sup>3</sup> POOLEY, 2017: 5-7.

<sup>4</sup> CRESSWELL, 2012: 651.

dia a dia e em tempos de lazer são temas que têm sido tratados de uma forma integrada. Tudo isto tem permitido novos entendimentos sobre o que são centros e periferias e as suas relações mútuas.

As migrações, talvez o aspeto mais recorrente dos estudos sobre as «Mobilidades», podem ser interpretadas de uma forma linear — olhando-se apenas para uma parte do processo (como os pontos de partida e de chegada, por exemplo) — ou mediante perspetivas longitudinais que abordam a experiência dinâmica da mobilidade, das mobilidades. As motivações causadoras de um fenómeno demográfico, como o êxodo de um determinado local ou a procura de recursos num outro, as reações à chegada de novos indivíduos e grupos e a sua inclusão ou exclusão, segregação social, política, económica e cultural são outros tantos pontos que importa estudar, convergindo com a questão das transferências culturais. O tópico do exílio e dos exilados emerge, assim, também ele como pertinente nestas discussões.

O conceito amplo de «Mobilidades», assumido como nuclear pelo VII Encontro do CITCEM, não exclui a mobilidade social, os percursos individuais e coletivos dentro das sociedades, possibilitados pelas condicionantes do mercado de trabalho, família ou relacionamentos interpessoais<sup>5</sup>. Todavia, as mobilidades não são apenas humanas. Estas são também artísticas, segundo o conceito de Aby Warburg, ao centrar-se nas migrações de formas e imagens<sup>6</sup>. E podem ser ecológicas, ligadas às transferências de plantas, animais e doenças, ou seja, ligadas às mobilidades biológicas que a ação do Homem tem acelerado e colocado a uma escala global.

O VII Encontro Internacional do CITCEM, que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto entre os dias 22 e 24 de novembro de 2018, foi sensível a todos estes elementos, que convergem no sentido de um conceito amplo de «Mobilidades». Mobilizaram-se olhares multidisciplinares, conjugando várias áreas do saber: desde as mais intimamente ligadas às componentes disciplinares do Centro de Investigação — Arqueologia, História, Demografia e História das Populações, Ciências da Informação e da Comunicação, Política e Relações Internacionais, Estudos Literários, Linguísticos, Culturais, Artísticos ou Cinematográficos —, a contributos vindos de outros domínios, com os quais deve dialogar, como a Arquitetura e o Urbanismo, a Filosofia ou as Ciências da Vida e da Saúde.

Momentos de convergência entre diferentes áreas científicas e correntes de pensamento, oportunidade para diálogo entre autores consagrados e investigadores em início de carreira, os Encontros do CITCEM são um momento central na atividade anual deste Centro de Investigação. Os textos aqui reunidos evidenciam-se não só pela sua qualidade científica, mas também pela abertura às grandes questões da sociedade contemporânea.

---

<sup>5</sup> CLARK, 2014: 1-16.

<sup>6</sup> WARBURG, 2010.

O livro que agora se publica — recolhendo algumas das comunicações aí apresentadas — incorpora o espírito que presidiu à organização desse evento científico. Desenvolvem-se temas que vão desde as circulações genéticas entre as populações africanas e as europeias, após 1500, como ocorre no texto de António Amorim que abre a publicação, até à análise contemporânea dos conceitos de apatridia e *vida nua*, no pensamento de Hannah Arendt e Giorgio Agamben, foco do trabalho que a fecha.

Os textos compilados neste volume organizam-se segundo uma lógica temática, distribuindo-se por cinco núcleos, que reinventam articulações através de cruzamentos disciplinares múltiplos. A primeira secção, *Transferências globais: genéticas e populacionais*, cobre mobilidades estudadas no âmbito das ciências genéticas e da história da emigração, das e(i)migrações humanas. A segunda secção, *Transferências globais: saberes e práticas*, incorpora abordagens sobre mobilidades de saberes, em particular na área da medicina e da cirurgia, de conceitos e de práticas culturais, incluindo as de modelos urbanísticos. A terceira secção, *Mobilidades em contexto local e regional*, identifica e analisa projeções de diversas formas de mobilidade a nível local, seja em Portugal, seja no Brasil, e ausculta, através de indicadores vários, sinais desses fluxos no campo das infraestruturas de comunicação, da permeabilidade populacional, e dos padrões culturais. A quarta secção, *Mobilidades: práticas, pensamento e sociabilidades religiosas*, centra-se em formas e padrões de mobilidade ligados ao domínio religioso, ou que podem ser auscultados através de produções literárias e estéticas correlatas com formas de sensibilidade religiosa. Por fim, na quinta secção, o volume analisa contributos dos foros literário e biográfico, mas também da filosofia política, ao integrar narrativas e reflexões sobre migrantes, estrangeiros, exilados e apátridas.

Antes de finalizarem com um convite à leitura, os coordenadores desta publicação gostariam de agradecer não só a todos os autores envolvidos, como ao amplo conjunto de avaliadores científicos que gentilmente acederam a participar na validação dos trabalhos submetidos para publicação.

## BIBLIOGRAFIA

- CLARK, Gregory (2014) — *The Son Also Raises: surnames and the history of social mobility*. Princeton: Princeton University Press, p. 1-16.
- CRESSWELL, Tim (2012) — *Mobilities II: Still*. «Progress in Human Geography», vol. 36, n.º 5, p. 651.
- POOLEY, Colin G. (2017) — *Mobility, Migration and Transport: Historical Perspectives*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, p. 5-7.
- WARBURG, Aby (2010) — *Atlas Mnemosyne*. Madrid: Akal.

